



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RAFAEL FERREIRA KELLETER

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-696

Entrevistado: Rafael Ferreira Kelleter

Nascimento: 03/12/1976

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte – CEME, Porto Alegre/RS.

Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovicz e Laura Andrade

Data da entrevista: 25/05/2016

Transcrição: Leila Mattos

Copidesque: Jamile Mezzomo Klanovicz

Pesquisa: Jamile Mezzomo Klanovicz

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 44 minutos e 20 segundos

Páginas Digitadas: 16 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *História da disciplina de handebol da ESEFID*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação e relação com o esporte; História do handebol no Rio Grande do Sul; Início do handebol iniciou; A disciplina de handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança; A importância do handebol no currículo universitário; Perfil dos alunos; Envolvimento com a prática do handebol; A prática do handebol nas escolas; O incentivo da universidade.

Porto Alegre, 25 de maio de 2016. Entrevista com Rafael Ferreira Kelleter a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz e Laura Andrade para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Então, primeiramente eu queria te agradecer essa disponibilidade em ceder essa entrevista e eu gostaria que tu iniciasse contando um pouco da tua formação e como tu iniciou no esporte?

R.K. – Bom! Eu iniciei no esporte através da escola, no Colégio Santa Dorotéia, com o professor Silvio Rodrigues¹ daqui de Porto Alegre em 1986. Depois a gente continua um pouco na escola e ele abre o Lindóia, o Lindóia Tênis Clube e eu vou com ele para o Lindóia Tênis Clube que eu começo a jogar o Estadual, jogar outros campeonatos que não só o escolar e aí, a partir daí eu começo... Eu estava com nove anos, então eu começo a jogar handebol e não paro, inclusive ainda não parei, estou tentando, mas eu não parei e depois eu vou para o Colégio São João² com o professor Pedro Paulo³, que também deu aula aqui na ESEFID⁴. Fiquei no São João por um bom tempo até 1997 mais ou menos, em 1997 eu vou para a Ginástica de Novo Hamburgo⁵ e fico lá esse ano de 1997 e depois jogo na Unisinos⁶, aí jogo pela Unisinos também um bom tempo até mais ou menos 2005, 2006 e aí vou para Santa Maria. Joguei em Santa Maria até 2010, aí volto de Santa Maria e venho jogar na UFRGS até hoje, estou jogando até hoje. A questão da minha formação, então tem muito a ver com o handebol na verdade, que foi a opção pela Educação Física por conta de vivenciar o esporte, vivenciar o handebol, então, eu faço vestibular aqui na UFRGS passo em 1995, me formo em 1999. Isso tudo na minha graduação fiz Licenciatura Plena, na época não tinha divisão, me formo em 1999, final de 1999 e faço concurso para substituto já aqui, e aí eu passo e eu começo a dar aula. Na verdade eu sou o primeiro ex-aluno a ser professor substituto em qualquer disciplina, mas deu a causalidade de ser no handebol e daí eu fiquei dois anos, e depois folgo dois anos e faço mais dois anos, fiquei quatro anos no total. Na verdade, assim, não deu tempo de fazer na época, não tinha dado

¹ Nome sujeito a confirmação.

² Colégio La Salle São João.

³ Pedro Paulo da Silva Guimarães.

⁴ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

⁵ Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo.

tempo de fazer especialização, entrei direto, enfim, por um voto de confiança também dos professores da banca. Então a minha formação como *professor* na Universidade foi mais prática propriamente do que teórica. Eu não tinha essa preparação para dar aula na faculdade, eu entrei, eu tive que de certa forma me virar um pouco, mas tinha de certa forma o apoio total dos professores, mas sigo estudando handebol, sigo jogando, praticando e isso é uma aprendizagem. E depois eu paro um pouco. Na verdade, até com a Educação Física, volto um tempo atrás, agora. Então assim, não cheguei a fazer especialização na área, nem mestrado, nem nada, não dei sequência na *área do handebol*, eu fui daí para outra área, mais a área pedagógica mesmo. Hoje eu trabalho com bebês, mas o handebol é a minha paixão ainda sou treinador de handebol hoje. Hoje eu sou treinador do Colégio Rosário, então, eu ainda trabalho com handebol e na verdade assim, o que eu posso te dizer mais de formação, é essa formação prática mesmo, de estar lá na quadra, de estar jogando, de estar vivenciando o esporte, isso que me deu a bagagem que eu tenho hoje.

J.K. – Certo! E relação à história do handebol aqui no Rio Grande do Sul, o que tu saberia me dizer sobre ela?

R.K. – Então, coisas que eu ouvi... Na verdade há um tempo atrás, até na época o professor dava aula aqui, só que ele não dava aula de handebol, que teria sido o professor Camargo⁷, mais ou menos pelos anos de 1970 que ele teria trazido, porque ele é paulista algo assim, ele teria trazido de São Paulo. Mais lendas, assim, do que propriamente... Eu não tenho essa certificação realmente do que aconteceu de fato, como que veio não, mas acredito que tenha sido e mais na fala dos meus treinadores que aí eles dizem: “Porque a gente tinha a seleção da UFRGS⁸, depois a do IPA⁹” Enfim, tem alguns treinadores, tem o professor Queiroga¹⁰ também, que jogou aqui na... Que hoje é o presidente da FUGE¹¹

⁶ Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

⁷ Francisco Camargo Netto.

⁸ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁹ Instituto Porto Alegre.

¹⁰ José Guilherme de Souza Queiroga.

¹¹ Federação Universitário Gaúcha de Esportes.

também vive contando histórias acerca do handebol e de quem trouxe e tal, mais ou menos por aí.

J.K. – Na tua opinião o handebol aqui no Rio Grande do Sul, ele iniciou mais nas escolas ou nos clubes?

R.K. – Eu acredito...

J.K. – Não só quando ele iniciou, mas atualmente, tu acha que ele está mais envolvido nos clubes ou nas escolas?

R.K. – Nas escolas, hoje com certeza escolas, acredito assim. Que quando ele inicia... Na verdade, quando ele vem para cá, eu não sei posso estar enganado, mas não sei se ele vem para a escola direto, mas também não sei se ele vem para o clube, ele vem talvez, acho que pela universidade porque os professores estavam mais engajados com esse movimento. Tanto que o que eu conheço de fala dos professores, dos meus amigos, é que eles começaram a jogar na universidade; eles começaram a montar times universitários para jogar, mas... Que daí depois uma coisa leva a outra, quando tu começa a difundir também na universidade eles começam a levar para as escolas, porque aí eles se tornam professores, então, eles vão difundindo, hoje com certeza na escola muito mais, tanto que aqui em Porto Alegre nós temos, eu acho, que um clube que trabalha com handebol.

J.K. – Saberá me dizer qual é o nome?

R.K. – Hand Action¹². Mas que surgiu da escola também, então assim que eu sei que é clube e que participa de competição estadual é essa instituição, agora escolar tem bastante.

J.K. – E em relação à disciplina de handebol aqui na ESEFID, sabe me dizer qual foi o ano que ela iniciou?

R.K. – Não faço a menor ideia! [riso]

J. K. – E tu saberia me dizer, porque ela foi incluída no currículo da ESEFID?

R.K. – Aqui da ESEFID?

J.K. – Isso, como ela chegou a entrar no currículo do curso de Educação Física?

R.K. – Como eu te falei, eu não tenho absoluta certeza, mas de ouvir falar dos professores pela necessidade que se criou; porque tu entra com o esporte, então tu tem a necessidade *também* de ensinar este esporte a ser ensinado; Então acredito que tenha sido por aí, mais essa necessidade de saber ensinar o handebol, porque ele já estava sendo praticado, mas eu acho que não estava sendo ensinado, então talvez tenha sido mais por essa linha, pelo que eu ouço falar dos professores.

J.K. – Tu saberia me dizer qual foi o primeiro professor da disciplina de handebol?

R.K. – Eu acredito que foi o professor Camargo, mas eu não tenho certeza. Eu acho que foi o professor Camargo. Tenho um pouquinho de suspeita pelo fato de ter sido ele quem trouxe para cá.

J.K. – Sim. E qual seria a importância do handebol no currículo universitário?

R.K. – Para mim, sendo meio bairrista com o meu esporte, eu acho de fundamental importância, primeiro por ser um esporte coletivo, segundo porque ele trabalha várias das habilidades correr, saltar, arremessar, a mobilidade geral da criança, então, acho que é um esporte como hoje ele é mais praticado em nível escolar no Brasil. A importância dele ser ensinado nas universidades, essa continuidade dessa difusão no Brasil, por exemplo, a gente sabe, na verdade eu sei, que ainda tem instituições, por exemplo, que hoje trabalham o handebol com professores que não são da área do handebol, isso até... No meu ponto de vista é um pouquinho difícil de acontecer, não que eu não acredite que as pessoas não possam aprender, não possam... Enfim, não é isso, mas a gente ainda vê questões de regras muito pouco trabalhadas pela pessoa não saber também essas regras. Então, acho que a

¹² Nome sujeito a confirmação.

importância do handebol para mim é fundamental no ensino universitário, primeiro que ele é um esporte coletivo, então assim, a gente tem um aprendizado muito grande, não só pelo esporte, mas por tudo que cerca, questões de grupo, questões de disciplina, questões de orientação.

J.K. – Certo! Na época que tu foi professor da disciplina, como que tu enxergava os alunos, o perfil deles, uma característica daqueles que buscavam fazer essa disciplina?

R.K. – É que na minha época a ESEFID era um pouquinho diferente, então a gente tinha... Eu vejo que hoje a coisa está um pouco mais centrada, o pessoal está buscando *mesmo* o que tem vontade, o que mais agrada. Na minha época tinha um pouquinho daquela coisa dos créditos ainda, de ter que fazer as obrigatórias, as eletivas e eu entrei na verdade... E o perfil dos meus alunos no primeiro momento eram pessoas que achavam que ia ser fácil porque eram meus amigos, porque eram meus colegas no semestre anterior, então... O meu apelido é Chico, então eles diziam assim: “Nós vamos fazer a disciplina do Chico porque a gente está tranquilo.” E não foi, foi um percurso bem difícil, mas o perfil nesse primeiro momento mesclava com pessoas que realmente queriam aprender essa modalidade até por não conhecer, outras que eram do esporte e queriam aprofundar e pessoas que não sabiam o motivo, então tinha esses três perfis.

J.K. – Nessa época a disciplina ela era eletiva ou obrigatória?

R.K. – Ela fazia parte do primeiro semestre handebol fundamentos, não era obrigatório.

J.K. – E ela era dividida nas três etapas?

R.K. – Dividida: handebol fundamentos, avançadas e técnicas de ensino.

J.K. – E tu ministrava as três?

R.K. – Dava as três!

J.K. – Certo! E nessa época tinha mais procura de homens ou de mulheres para fazer aula?

R. K. – Era meio a meio

J.K. – E tinha por acaso uma divisão de turmas só homens ou só mulheres?

R.K. – Não, nós jogávamos, por exemplo, na aula prática era todo mundo junto, às vezes porque como tinha bastante gente, às vezes dava para fazer dois times masculinos, dois times femininos, a gente optava por fazer assim, mas se não desse e tivesse que misturar era tranquilo também, não tinha problema nenhum.

J.K. – E esses alunos eram mais no início do curso?

R.K. – Handebol fundamentos era no primeiro e segundo semestre.

J.K. – E o outro era em qual semestre?

R.K. – Na verdade oscilava, mas era mais do meio para o final, as técnicas de ensino as pessoas faziam normalmente no último semestre, pelo último semestre assim, beirando a formatura normalmente.

J.K. – Sim! E como era o envolvimento dos universitários com a prática do handebol?

R.K. – Era legal, era bem... Eles se envolviam bastante mesmo, tanto é que o que eu fazia, por exemplo, eu não apitava os jogos, eles que apitavam, então até para dar essa bagagem para eles também de regras, de arbitragem, nós fazíamos no começo... Teve muito evento da prefeitura, por exemplo, os jogos escolares e eles nos convidavam para apitar, então os alunos iam e apitavam, mesmo os que achavam que não iam conseguir, que não sabiam enfim, então eles tinham essa parte prática e esse envolvimento bem grande, eu sempre tive monitor, então também tinha um envolvimento das pessoas que queriam, que eram do handebol e queriam também aprofundar conhecimento e essa parte de ensino, então sempre tive monitor e o pessoal sempre pegava junto, tanto... Dificilmente não tinha jogo, por

exemplo, porque eles queriam sempre jogar, sempre fazer alguma parte de jogo seja um jogo adaptado, ou seja, o handebol de verdade eles queriam essa parte mais...

J.K. – Certo! Nessa época já existia árbitros de handebol formados, um curso para arbitragem?

R.K. – Sim, inclusive o José Rogério Vidal é árbitro já há bastante tempo, desde a época que eu jogo, ele é árbitro Sul-Americano, já desde que eu comecei já tinha curso de arbitragem.

J.K. – E tu acredita que a modalidade do handebol no currículo universitário tenha aumentado a prática desse esporte nas escolas?

R.K. – Acho que sim! Acho porque qualifica um pouco mais os professores e na verdade, assim, tu mostra um pouco mais a modalidade para quem não conhece. Então eu sei de várias pessoas que não conheciam o handebol, que não praticaram o handebol e que se encantaram com o handebol na faculdade ou que por uma circunstância no trabalho caiu: “tu vai virar treinador de handebol” e teve que buscar esse estudo tardio, então sabe, teve que se aprofundar depois, teve que voltar para a academia para poder buscar para facilitar também e para fomentar mais o esporte. Acredito que, com certeza, o ensino de handebol ele fomenta sim a atividade, até tem encontros de professores universitários específicos da modalidade Na verdade tinha desculpa, não sei se ainda seguem, mas acredito que sim Encontro Brasileiro de Professores Universitários de Handebol, isso eu sei que tinha, não sei eles estão seguindo com esses eventos.

J.K. – Isso no Brasil inteiro?

R.K. – No Brasil eles se reúnem para discutir a modalidade do ponto de vista universitário, ensino.

J.K. – Sim! Agora nos últimos anos o handebol ele ganhou um certo destaque nas competições mundiais, principalmente, com a equipe feminina. Tu acredita que esse

destaque do Brasil nessa modalidade trouxe mais visibilidade para a prática nas escolas também?

R.K. – Deveria, não sei se trás, porque ainda está muito... Claro, a visibilidade está muito maior, a gente vê mais handebol na televisão, mas eu não sei se é o suficiente de tu ver o handebol na televisão, pelo seguinte, está muito longe, as meninas jogam tudo na Europa; as meninas jogam quase todas também na Europa e aí a *modalidade no Brasil* em si, ela está defasada. A Liga Nacional está complicada de avançar, por exemplo, os clubes não tem dinheiro para jogar em pleno ano olímpico, então é... Eles tiveram que fazer toda uma reestruturação da Liga para poder sair, mas ao mesmo tempo não se passa na televisão, passa os jogos da final, por exemplo, não passa o campeonato inteiro, então, não tem esse acompanhamento, aqui no Rio Grande do Sul. Por exemplo, eu gostaria que as minhas meninas do Rosário¹³ pudessem ver campeonatos adulto entendeu? Bons campeonatos adultos. O que acontece hoje, tu tem um campeonato adulto onde tu junta pessoas, ex atletas, gurias que estão paradas a não sei quantos anos que: “vamos jogar um Campeonato Municipal?” Beleza, acho que também isso fomenta, mas não é o espelho, não é o modelo para quem está chegando, entendeu? Então desse ponto de vista a gente vê a própria seleção, ela foi campeã mundial e depois já deu uma... Porque as gurias saíram do clube lá na Áustria, onde elas estavam todas juntas fazendo esse laboratório para poder ser campeã mundial, então até isso, elas jogavam todas, elas criaram um conjunto muito forte para isso, hoje não, hoje elas estão pipocando na Europa também. Então já deu uma dificultada, à gente já viu no Campeonato Mundial seguinte que não foi tão bom, esperamos que agora seja na Olimpíada¹⁴, não sei eu sou um pouco... Até mais realista do que... No sentido otimista, algumas delas até foram minhas atletas, trabalhei com elas, torço imensamente para elas, mas a gente tem que ser pé no chão.

J.K. – Em relação à prática nas escolas, tu acha que hoje ainda é praticado mais por meninas ou meninos?

R.K. – Meninas!

¹³ Colégio Marista Rosário.

¹⁴ Referência aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro realizados em 2016.

J.K. – E porque tu acha que isso ocorre?

R.K. – Por causa do evento do futebol e do futsal ainda. Por exemplo, lá no colégio eu tenho... Eu começo esse ano o trabalho, entrei lá esse ano, e aí eu vou fazer a peneira do mirim eu tinha sessenta meninas, do mirim, tive de dispensar fiquei com vinte e nove. Complicado! Eu gostaria de poder trabalhar com todas, mas o número é muito maior, os guris vieram me procurar: “Professor a gente quer fazer também masculino.” Eram dezenove, quinze guris, mais ou menos, futsal tem todos os horários nas quadras, por exemplo, tem por baixo trezentos alunos no futsal sabe, então assim, tu vai ver Colégio Santa Dorotéia que é o meu, tem feminino, não tem masculino, Colégio Salvador tem feminino, tem masculino, então assim, ainda acho que... Não sei se é só isso ou se tem um pouco de preconceito não sei, porque tu vai ver alguns meninos falam: “Não isso é jogo de menina.” Sabe, mas quando tu entra mesmo no esporte que tu vai ver o que é um esporte de contato, e é um esporte de contato forte aí tu vê que não, não é um jogo de menina, a gente diz até para os guris: “Joguem primeiro para depois vocês dizerem que é jogo de menina.” Não é! É jogo para os dois, meninas com o seu tipo de contato, rapazes com o seu tipo de contato, de fato... Para mim isso se materializa no título da seleção feminina, que tu vê que o Brasil feminino está muito além do masculino, por conta de estrutura física das gurias, as nossas gurias são *muito* parecidas com qualquer outra de fora, elas não perdem em estrutura física para as europeias. Por exemplo, os guris perdem ainda, tu vai jogar contra uma Alemanha tem um cara de dois metros e dezessete, é complicado, faz uma diferença.

L.A. – Eu estudava no Colégio Marista, e acontece o Maristão¹⁵ todo o ano e a gente juntava um time para jogar handebol, porque todo mundo gostava, queria viajar e os jogos contra o Rosário eram super engraçados, porque a gente porque a gente perdia de vinte a zero, quinze sei lá, e eu queria saber quem era o professor anterior e se vocês têm uma política de... Tu falou agora que tinha peneira, se tem alguma coisa: “Vamos praticar handebol, vamos para fazer isso...” Porque a gente vendo vocês jogarem a gente queria saber jogar tão bem quanto. E eu gostei de handebol, quero participar por que eu vi vocês

jogarem e eu achava esse esporte muito legal, e aí eu me espelhando nos jogos de vocês de “puxo, puxo” que a gente não entendia, do nada as gurias estavam jogando e falavam “puxo” e começava uma movimentação e a gente: “Meu Deus o que elas estão fazendo...” e aí eu queria saber se tem...

R.K. – Era a Fernanda¹⁶ a treinadora?

L.A. – Eu não me lembro!

R.K. – Que tempo e que ano?

L.A. – Em 2013!

R.K. – A Fernanda, com certeza, a Fernanda está lá a mais de dez anos, ela continua lá. Só que a política do Rosário agora foi de levar o professor, só para professor, e aí tu tem só os treinadores, eu não sou *professor* do colégio, eu sou funcionário do colégio. Sim, mas sou só treinador de handebol, não dou aula na Educação Física, eles separaram isso para ficar bem... Não tem uma cobrança de ter que ganhar ou de ter que... Não, tu tem uma cobrança de fomentar isso sim, tu tem uma cobrança pedagógica, mesmo sendo treino tu tem uma cobrança pedagógica, tanto que eu digo para as minhas gurias do mirim, a gente jogou agora a dois finais de semana atrás, e eu digo para elas assim: “Eu quero alegria, talvez venha um resultado bom se a gente treinar.” Eu tento passar a experiência que eu tenho para elas e a experiência, e o conhecimento de handebol que eu tenho para elas, se isso funcionar na hora do jogo beleza, se não funciona vamos ver o que aconteceu, mas não tem aquela coisa: “Elas são adversárias de vocês.” Não! Não tem aquela coisa de chegar no ginásio e vai estar o Rosário lá na ponta e o resto não, vamos congrega, vamos falar, se algum treinador vier me perguntar: “Vamos marcar amistoso?” ou “Tu me dá uma dica, alguma coisa assim.” Não tem problema, absolutamente nenhum, não acredito em guardar conhecimento para si, senão não existiria faculdade, universidade. Não acho que o conhecimento tenha que ser guardado, acho que ele tem que ser difundido, não fui eu que

¹⁵ Maior evento esportivo da rede Marista.

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

inventei o handebol, então não tenho que guardar, eu tenho que passar mesmo o que eu aprendi desde piá, inclusive coisas de caráter, de valor, de responsabilidade tudo isso. E acho legal quando tu fala é a prova de que do exemplo: “Eu queria jogar que nem elas.” Bom, beleza, esse papel é do professor. Ele tem que te ouvir, por exemplo, o teu professor teria que te ouvir ou ouvir o time de vocês e fazer esse resgate entendeu? Não, então, nós vamos jogar que nem elas, nós vamos dar um jeito, nós vamos conversar com a professora, nós vamos marcar mais amistosos, nós vamos interagir mais sei lá. Eu estou começando um trabalho agora, do zero, o meu infantil e o meu juvenil já vem dela. Então já vem dela que fez um trabalho maravilhoso, mas, por exemplo, eu estou em uma transição, porque se eu falar alguma coisa talvez elas digam: “Mas com a Fernanda não era assim!” Entendeu? Então tipo assim, tem essa coisa, o mirim não, o mirim é um trabalho que eu início, então vai ter a minha cara, vai ter o meu jeito, mas nesse sentido... Tanto que elas tem telefone, “Whatsapp” das gurias de outro colégio e aí quando vê elas marcam amistoso e eu nem sei, elas só me dizem assim: “Professor a gente marcou, ou quer marcar um amistoso.” E eu digo: calma não é assim, mas tem esse envolvimento entendeu, mas não é uma coisa... Mas eu digo para elas, ao mesmo tempo vocês tem que ter uma postura, porque vocês representam uma instituição, vocês são sim a equipe mirim do Colégio Rosário; vocês vão sim passar no recreio e as pessoas vão ver vocês e vão dizer: “A fulana lá joga handebol.” Entendeu? Esse comportamento que vocês vão ter que ter, enfim, ele vai servir de modelo, como serviu para ti e que talvez servisse, se fosse o ruim também, tipo: “Bah aquelas gurias do Rosário só nos batem, só não sei o que...”; “Bah, eu não quero ser nunca que nem elas, eu não quero nunca jogar que nem elas.” Mas não, a tua fala é diferente: “Bah, eu queria jogar que nem elas.” Então acho que isso ratifica um trabalho também.

L.A. – E tu falou antes que handebol é um esporte de contato, de bastante contato, e eu ouço bastante meninas falando: “Eu não gosto de jogar handebol, porque tem muito contato.” Mas eu jogo futsal e também tem muito contato e eu vejo pela tua fala que tem muito mais menina jogando handebol do que jogando futsal, por exemplo, que é um esporte de contato bem menor que o handebol, no meu ponto de vista.

R.K. – O futsal? Acredito que sim, eu também acho que é menos contato.

L.A. – Porque tu acha que esse fenômeno acontece?

R.K. – Pois é, acho que não tem haver com contato, talvez tenha a ver, por exemplo, assim, com mais possibilidades para o feminino, porque o futsal feminino ele é mais recente do que o handebol, por exemplo. O futebol feminino começa a ser mais recente mais visualizado agora; tem mais meninas praticando futsal do que na minha época anos 1980; Nos anos oitenta nós não tínhamos esse futsal feminino, mas o handebol já aparecia, então, independente do contato é questão da possibilidade, do que tu tem para fazer, menina não joga futebol, historicamente, menina não joga futebol e o handebol aparece como um futebol com as mãos. Então para menina dá, tem uma coisa histórica de gênero aí por trás, que não é só a questão do esporte, mas que é forte. Hoje não. Hoje mulher e homem já estão... Não vou dizer que estão equiparados porque isso é uma mentira também, mas estão quase equiparados, então assim, tu pega uma seleção brasileira que é campeã mundial tu vai levar muito mais ainda o número de praticantes aqui no Brasil. O masculino não apresenta tanto, ele apresenta título Pan-Americano. Beleza, mas um título mundial é uma visibilidade muito maior, sabe eu vou fazer um esporte de um time que é campeão mundial, assim como o futsal masculino e o futsal feminino ainda não tem essa visibilidade também, então tem essa coisa assim, apesar de que... E concordo e ainda digo de novo: o handebol é um esporte de muito contato só que o que acontece com a questão do contato, as pessoas não sabem arbitrar, os professores não sabem as regras aí é que é o ponto, não é a questão do contato é a questão do mau contato, mas porque eu não sei arbitrar, porque eu não sei as regras, aí eu não apito uma falta. Aí as gurias sei lá, se pegam, se puxam um cabelo daqui a pouco fazem alguma coisa e quantas vezes tu já não deve ter ouvido que o handebol é um esporte violento; não é um esporte violento é um esporte de contato, se tu souber conduzir o ensino ele vai continuar sendo só um esporte de contato. Se tu não souber ele vai ser um esporte violento como qualquer um... Na verdade, eu acredito que o basquete seja mais contato ainda do que o handebol embaixo do garrafão, olha o que acontece em baixo do garrafão diz que os caras se puxam se... Mas eu acho que é da condução.

L.A. – E tu acha que handebol masculino não é tão forte no Rio Grande do Sul ou ele não é tão forte no Brasil. Porque tinha colegas meus que jogavam muito bem handebol falavam

que nas escolas e que no estado era muito forte, então, isso é no Rio Grande do Sul que é mais feminino ou é no Brasil?

R.K. – Não, é no Brasil! E a questão assim: nós, no Rio Grande do Sul, é uma pena, nós poderíamos estar exportando para o Brasil inteiro atletas; nós somos um polo muito forte de handebol. Na verdade qualquer esporte, nós somos um polo muito forte de qualquer esporte, pela nossa condição física e aí não é desmerecer, bom isso... É que às vezes a gente olhar assim: “Eu vou olhar o esporte.” Fechadinho, não, vamos olhar histórico, vamos olhar a condição do país, vamos olhar... Nós temos menos desnutrição, por exemplo, do que no nordeste e no norte. Então, é obvio que nós vamos ter gente mais bem preparada fisicamente do que eles; óbvio que nós vamos exportar muito mais, só o que acontece hoje a política nossa de esporte é zero, não existe, e lá para cima tem o presidente da Confederação Brasileira, é nordestino é de Aracaju, o que está vindo de gente do nordeste jogar em São Paulo não é brincadeira. E vê daqui quem é que sai daqui para ir jogar em São Paulo? Quem é que manda no país hoje? Ninguém! Não tem, é um a cada cinco, seis anos talvez, entendeu? As pessoas vão, por exemplo, vão sair das suas casas do conforto da sua casa, de uma escola particular para ir para São Paulo morar em um ginásio embaixo de uma arquibancada, ganhar cem “pila” por mês e talvez duas cadeiras da faculdade? Não vão, que isso é outra questão é o sonho de ir para São Paulo. Só que assim, voltando a tua pergunta, a gente tem sim condição tanto no masculino quanto no feminino, de mandar gente para onde quiser. Tanto para aqui como para fora, só que não é um problema de estrutura física, é um problema de política, de incentivo, a gente não tem *clube* em Porto Alegre; a gente não tem um time *adulto* em Porto Alegre, a gente não tem *um* time hoje, a gente está arriscado a não ter nenhum time jogando a Liga Nacional de handebol, entende? Então assim, não é simplesmente uma questão... Sabe, se eu consigo gente, não, gente tem a dar com pau, horrores, horrores, o que tem de guris nas escolas aí, o que tem de gurias nas escolas que já deveriam estar em clube e em seleção de base, o que tem de talento perdido... O que já passou aqui no Rio Grande do Sul de atleta que poderia estar fora, poderia estar jogando na Europa fácil tranquilo. Eu conheço mais de vinte! Por exemplo, eu quando eu me formei aqui na ESEFID... Para tu ver o que eu te falei, eu tinha duas possibilidades, ou eu trabalhava *aqui* na ESEFID como professor substituto e na ginástica de Novo Hamburgo, como treinador com carteira assinada tudo certinho ou eu ia

para Recife morar embaixo da arquibancada, lavar as minhas roupas no clube, comer no restaurante do clube, dar uma escolinha para ganhar duzentos reais e jogar no clube em Recife. Eu vou? Não vou! Não vou trocar, então assim... Mas não é todo mundo, tem gente que vai, tem gente que se joga, tem gente que vai, tem gente que pira, tem gurizadinha que piram e vão e depois voltam completamente fora da casa também, completamente desorganizados, que não tem uma base familiar, não tem... Então, a gente podia ficar... Podia falar para ti aqui histórias aqui de muita gente, de muitas vidas que deram certo, outras que não deram certo e não foi questão física; não foi questão de a gente não ter porte. Porte a gente tem, a gente podia ter um time aqui no estado campeão de todas as competições que tem, mas não tem. Quantos campeonatos escolares, quantos campeonatos de base antigamente tinha o JEBS¹⁷ depois virou Jogos da Juventude... Quantas vezes o Rio Grande do Sul ganhou Jogos da Juventude? Um *monte* de vezes, tanto no feminino quanto masculino, mais no feminino até, mas quantas vezes o Rio Grande do Sul foi campeão dos Jogos da Juventude com a seleção gaúcha. Inúmeras vezes, de base, até o juvenil a gente tinha time campeão isso historicamente desde os anos oitenta o Rio Grande do Sul era campeão brasileiro de várias categorias, até chegar o júnior, chegava no adulto... Claro tu ganha filho, tu tem que trabalhar, tu tem família, tu tem... Não, handebol não te dá dinheiro, é complicado.

J.K. – Em relação ao fato de tu participar da equipe da UFRGS de handebol, a Universidade dá algum tipo de incentivo para equipe?

R.K. – Nos dá toda a estrutura, até assim, uma estrutura que não tem em clube. Por exemplo, eu machuquei o joelho eu tive assistência da fisioterapia; a gente viaja e tem transporte, tem alimentação, as competições universitárias, tudo perfeito, tem material, a gente treina em um ambiente que é muito bom com material qualificado, a equipe tem academia, porque a gente usa a estrutura da ESEFID, então, tem um treinador que é muito qualificado que apesar de jovem é muito qualificado; bem mais novo do que eu na verdade e que estuda bastante o handebol, mas com um respaldo da Universidade, entendeu? Assim a gente tem esse respaldo a Universidade viu apostou na gente, viu que deu certo para o objetivo que eles queriam, deu certo, então, eles continuam apostando, acho que... Acredito

¹⁷ Jogos Escolares Brasileiros.

que até a hora que eles acharem que está dando certo, o que é normal, muita gente faz isso no esporte, tu aposta até a hora que tu vê, do teu ponto de vista, deu certo, sou eu que estou apostando, então quando eu achar que não deu mais certo aí a gente revê, mas tem, a Universidade acho... Acho não, com certeza nos dá todo o apoio, todo o incentivo.

L.A. – Tu começou no Rosário, mas tu teria algum projeto maior para incentivar cada vez mais o handebol em Porto Alegre a nível adulto. Tu falou que não tem nenhum clube em Porto Alegre ativo e tu terias planos de criar um?

R.K. – Plano hoje não, assim como plano, mas como sonho, vontade. Até por conta do trabalho, essa organização eu não consegui ainda, mas eu gostaria muito, por exemplo, de montar um time e participar de uma Liga Nacional. Isso é um sonho eu participar de uma Liga Nacional como treinador novamente, já participei um tempo atrás como auxiliar na extinta equipe da Ulbra. Eu trabalhava lá no feminino adulto e de voltar para esse mundo do handebol de alto rendimento, como treinador, esse é um sonho de verdade. Talvez já tenha tido um sinal de que as coisas vão caminhar, que é ter voltado como treinador de handebol escolar, eu acho que é onde tudo começa, talvez eu esteja começando aqui também esse ano para quem sabe... Gostaria muito que fosse em Porto Alegre, de verdade gostaria de ter uma possibilidade de montar um time que representasse nosso estado e que fosse aqui da capital, se a gente tivesse... Hoje nós somos a única capital que não tem time de handebol adulto; as outras capitais dos estados têm todas, tu joga Jogos Abertos de Santa Catarina, Florianópolis tem time masculino e feminino, joga de São Paulo tem mil times, joga no Paraná, Curitiba tem, então Minas, Belo Horizonte tem time, Brasília... Sabe nós aqui não tem, talvez tenha ficado muito para o... E acredito no esporte como participação, mas talvez tenha ficado só no esporte como participação. Tipo assim: a política de esporte mais para praças, para parques sabe e talvez o esporte rendimento ainda seja visto de uma forma mal vista, tem que se recuperar essa nova visão do esporte, mas não sei qual é o caminho, com tudo o que está acontecendo hoje [riso]... Se o principal investimento vai ser no esporte, é complicado a gente... Por isso que eu digo, é mais um sonho do que um projeto, hoje eu acho inviável por toda a situação que o país está passando, acho que hoje é inviável tu montar um projeto e achar que alguém vai dar

prioridade para uma equipe com tudo que está... Com todo o caos que a gente está, não sei, mas que é um sonho é um sonho, vamos ver mais, de repente!

J.K. – Teria alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostaria de compartilhar?

R.K. – Talvez, do ponto de vista... Mais é um desabafo, não acho até para registrar assim o momento que foi muito importante, foi a abertura da ESEFID a um ex-aluno como professor de uma disciplina; eles confiaram em mim na bagagem que eu tinha de handebol como atleta e me deram a oportunidade de eu me tornar um professor universitário da modalidade. Então, o primeiro semestre que foi no ano de 2000 que eu comecei a dar aula foi assim, o mais “punk” da minha vida; uma experiência do ponto de vista acadêmico foi fantástica e do ponto de vista emocional mais ou menos, porque foi essa transição que eu falei antes. Eu tinha colegas no semestre anterior que hoje eram meus alunos e que não aceitaram, e que rodaram na minha disciplina porque eles acharam que iam passar porque eles eram meus amigos. Então esse trabalho psicológico teve que ser feito bem forte, assim o psicológico; psicológico não o emocional. Na verdade, bem forte, alguns professores daqui me cobraram também o fato de como que eu não tenho um pós graduação e eu sou só graduado, e eu entro aqui para dar aula e na época nós estávamos virando centro de excelência e aí assim, onde está a excelência disso? De um graduado dando aula e até no momento eu falei para esse professor que se dirigiu a mim eu disse assim: “Gente me desculpa, mas eu não fui bater na porta de ninguém, não bati na porta de ninguém e ninguém foi lá na minha casa, eu participei de um processo e passei.” Enfim, critérios que foram escolhidos pelos professores. Mas que depois, no final do ano, culminou com uma avaliação muito boa da disciplina, enfim, do convívio e tudo. Daí eu fiquei extremamente feliz e me deu mais um gás para continuar um ano a mais e depois ainda volto para mais dois anos e só não voltei para mais dois na verdade, que foi quando entrou o professor Fabiani¹⁸, eu fiz com ele junto o concurso... Eu, a Carol não sei se tu chegou a conhecer a Carol Canabarro que estudava aqui, que é do handebol também, e ficou nós três e aí eles optaram pelo Fabiani para dar oportunidade e aí eu até disse: “Gente concurso, desculpa, mas não é oportunidade, oportunidade se diz, olha vou te ligar agora e a tua vez é a próxima é tua.” Para mim isso é oportunidade, concurso é concurso, mas tudo bem. E aí...

Se não teríamos sido seis anos, mas foram quatro, agora entrou o Giovani¹⁹, está tudo bem. E foi um aprendizado fantástico dar aula em uma faculdade, ainda mais uma disciplina que é uma coisa que eu gosto bastante, que eu tenho esse convívio, assim bem forte, que eu acho que eu circulo bem no meio do handebol, então, algumas coisas favorecem. Como por exemplo, trazer gente para palestrar, trazer gente para falar sobre arbitragem, saber onde estão ocorrendo às competições para levar as pessoas para irem assistir, então, essas coisas assim acho que favoreceu bastante ter sido ex-aluno da ESEFID. Me favoreceu bastante por saber a onde as coisas acontecem, hoje já não iam me favorecer porque a ESEFID mudou completamente, eu não sabia nem que o CEME²⁰ era aqui [riso], então assim, mais essa questão do primeiro semestre foi muito forte,. Isso ficou gravado para mim até vai ficar gravado para sempre, é até por ter sido o primeiro tipo assim, “vamos? Vamos!” E além do handebol eu também fui orientador de TCC²¹ e aí eu tinha pedido para... “Olha gente, eu oriento, mas eu oriento só trabalhos relativos a handebol.” Não orientei um trabalho sobre handebol, até jiu-jitsu me passaram, orientei um trabalho de jiu-jitsu e handebol e tinha... Mas não tem, acho que por questão de horário enfim, então foi bem, mas eu tenho saudades dessa época de estar aqui na ESEFID em contato.

J.K. – Então era isso agradeço em nome do Centro de Memória.

R K. – Eu que agradeço imagina!

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹⁸ Fabiani Dias da Silveira.

¹⁹ Giovani dos Santos Cunha.

²⁰ Centro de Memória do Esporte.

²¹ Trabalho de Conclusão de Curso.

,